

MEMÓRIAS DA FAZENDA PASSAGEM:

Pau a pique, canoas e cangalhas

Arlete Nestlehner Cardoso de Almeida

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo | arlete.nestlehner@alumni.usp.br

Ana Beatriz Nestlehner Cardoso de Almeida

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo | ana.beatriz.almeida@alumni.usp.br

EIXO TEMÁTICO: EIXO TEMÁTICO: (4) Usos, Técnicas e Espaços

Resumo: Localizada ao sul do Estado de São Paulo na região do Vale do Ribeira de Iguape e junto às divisas dos municípios de Eldorado e Iporanga, a fazenda Passagem desempenhou papel significativo nas dinâmicas territoriais, econômicas e sociais durante o período econômico do tropeirismo que se intensificou nesta região no século XVIII, em decorrência da abertura dos Caminhos do Sul, estrada que conduzia as tropas de animais e de mercadorias do Brasil Meridional às feiras de Sorocaba. A fazenda Passagem é o último remanescente de diversos entrepostos comerciais e armazéns/moradias que se instalaram às margens do rio Ribeira de Iguape ao longo do século XIX, que promoviam o intercâmbio comercial entre o litoral e o planalto. O topônimo fazenda Passagem remete-nos à ideia de travessia, evidenciando as características socioculturais que singularizam essa área e os valores materiais e imateriais da sociedade de viajantes que utilizavam o lugar como referência, ponto de parada e passagem obrigatória entre os caminhos terrestres que venciam as escarpas da Serra do Mar rumo ao planalto de Paranapanema e os fluviais que alcançavam o litoral de Iguape. A sede da fazenda Passagem é uma edificação mista, parte moradia e parte comercial, erigida por meio de um sistema construtivo tradicional que envolve a terra crua e técnicas vernáculas, sobretudo “a taipa de mão, sopapo ou pau a pique”. Trata-se de um exemplo de como a manutenção de saberes ancestrais foi a única alternativa de subsistência possível para as comunidades isoladas, autônomas e autossuficientes dos sertões do Vale do Ribeira que mantiveram um modo de vida fundamentado nos primórdios da colonização paulista. Após ser atingido por uma enchente em 1997, o armazém/moradia foi restaurado e seu acervo, constituído por documentos históricos, mobiliário e objetos diversos, catalogado e preservado. Este artigo busca demonstrar como os estudos desenvolvidos sobre a fazenda Passagem contribuem para a melhor compreensão de aspectos da cultura material do Vale do Ribeira.

Palavras-chave: Vale do Ribeira; Eldorado; Pau a Pique; Comércio de Tropas; Comércio Fluvial.

MEMORIES OF FAZENDA PASSAGEM: WATTLE AND DAUB, CANOES AND PACK SADDLES

Abstract: Located in the southern part of the state of São Paulo, in the Ribeira Valley region, along the boundary between the municipalities of Eldorado (formerly Xiririca) and Iporanga, Fazenda Passagem (Passagem Farm) played a significant role in the territorial, economic, and social dynamics during the muleteering period. This activity intensified in the eighteenth century with the opening of the Caminhos do Sul, a route that enabled the movement of herds and goods from southern Brazil to the markets of Sorocaba. Fazenda Passagem is the last remaining example of the various trading posts and warehouses established along the banks of the Ribeira de Iguape River throughout the 19th century, which facilitated commercial exchange between the coast and the plateau. The name “Fazenda Passagem” evokes its historical function as a crossing point. It emphasizes the sociocultural features that distinguish the area and the tangible and intangible values attributed to the itinerant society. Once, it was an important reference, stopover, and obligatory passage between the land routes traversing the Serra do Mar escarpments toward the Paranapanema plateau and the river routes to the coast of Iguape. Its warehouse/dwelling was built using a traditional construction system involving raw earth and vernacular techniques, especially rammed earth, mud plastering, and wattle and daub. It is an example of how the preservation of ancestral knowledge was the only possible alternative for the isolated, autonomous, and self-sufficient communities of the Ribeira Valley, which maintained a way of life in the hinterlands based on the early days of colonization in São Paulo. After suffering flood damage in 1997, the warehouse and dwelling were restored, and the collection—comprising historical documents, furniture, and various objects—was cataloged and preserved. This article demonstrates how research on Fazenda Passagem contributes to a deeper understanding of the material culture of the Ribeira Valley.

Keywords: Ribeira Valley; Eldorado; Wattle and daub; Muleteering trade; Riverine Trade

MEMORIAS DE LA FAZENDA PASSAGEM: BAHAREQUE, CANOAS Y AGARILLAS

Resumen: Situada en la región del Vale do Ribeira, al sur del estado de São Paulo, en los límites de los municipios de Eldorado (antigua Xiririca) e Iporanga, la Fazenda Passagem (hacienda Passagem) desempeñó un papel significativo en las dinámicas territoriales, económicas y sociales durante el período del tropeirismo, que se intensificó en el siglo XVIII en la región como consecuencia de la apertura de los Caminhos do Sul, vía que conducía las tropas de animales y mercancías del Brasil Meridional hacia las ferias de Sorocaba. La Fazenda Passagem constituye el último remanente de diversos entropuestos comerciales y almacenes que se establecieron a orillas del río Ribeira de Iguape a lo largo del siglo XIX, los cuales facilitaban el intercambio comercial entre el litoral y la meseta. El topónimo “Fazenda Passagem” remite a la idea de travesía, evidenciando las características socioculturales que singularizan esta área, así como los valores inmateriales y materiales de la sociedad de viajeros que utilizaban el lugar como referencia, punto de parada y paso obligatorio entre los caminos terrestres que superaban las escarpas de la Serra do Mar rumbo al planalto de Paranapanema y las rutas fluviales que alcanzaban el litoral de Iguape. Su almacén-vivienda fue erigido mediante un sistema constructivo tradicional basado en el uso de tierra cruda y técnicas vernáculas, especialmente la «taipa de mão», también conocida como «sopapo» o «pau a pique». Se trata de un ejemplo de cómo la preservación de los saberes ancestrales constituyó la única alternativa posible para las comunidades aisladas, autónomas y autosuficientes del Vale do Ribeira, que mantuvieron en los sertões un modo de vida fundamentado en los orígenes de la colonización paulista. Tras ser afectado por una inundación en 1997, el almacén-vivienda fue restaurado, y su acervo — compuesto por documentos históricos, mobiliario y diversos objetos— fue catalogado y preservado. Este artículo busca demostrar cómo los estudios desarrollados sobre la Fazenda Passagem contribuyen a una mejor comprensión de aspectos de la cultura material del Vale do Ribeira.

Palabras clave: Vale do Ribeira; Eldorado; Bahareque; Arriería; Comercio Fluvial

1. APRESENTAÇÃO

A história nos legou, em diversos continentes e épocas distintas, inegáveis vestígios de edificações erigidas em terra crua capazes de atestar a ancestralidade e a universalidade deste método construtivo que subsiste, ainda hoje, em alguns locais como única alternativa construtiva.

Construções ancestrais em terra crua são exemplos de arquitetura vernácula e resultam da necessidade de proteção e abrigo do homem, correlacionada aos recursos naturais disponíveis em seu meio. É a oferta e o acesso aos elementos naturais passíveis de serem utilizados como materiais construtivos – pedra, argila, madeiras, fibras vegetais, areia, cal, entre outros que definem os padrões formais e funcionais das edificações. As técnicas construtivas adotadas são exercidas por regras preestabelecidas por um conhecimento adquirido ao longo de um tempo de convívio, observação e exploração das possibilidades produtivas do território apropriado.

A terra é o mais acessível dos elementos da natureza e o mais inerente ao seu lugar de origem, o que concerne às edificações decorrentes de seu uso uma composição final que resulta das características geográficas de seu sítio submetidas aos elementos imateriais da sociedade que as originaram. Por esta razão, edificações vernáculas só se sustentam quando produtos da experiência coletiva de uma sociedade em determinado ambiente e tempo histórico. São construções que apresentam feição e identidade própria, como podemos constatar ao analisarmos o uso contemporâneo da terra em algumas comunidades isoladas.

O Vale do Ribeira apresenta diversos exemplares que são admiráveis pela resistência, persistência dos partidos adotados e repetição das técnicas construtivas. Alguns, apresentam elementos construtivos e equipamentos que nos remetem a uma moradia rural dos primeiros assentamentos coloniais paulistas (Lemos, 1972) Destacam-se o puxadinho da cozinha, os diversos tipos de jirais - os de armazenar e secar carnes, os para guardar utensílios e aqueles para dormir - o porão, o terreiro de trabalho com a casa de farinha, o engenho de cana, os pilões, as taipas dos fogões que são de vários tipos, de barranco, de torrar farinha, de ferver rapadura e os de assar barro. Equipamentos (Bruno, 1977) que compõem, juntamente com os elementos construtivos, a habitação de nossos caboclos, quilombolas ou ribeirinhos, depositários em terras paulistas da prática de se construir com terra.

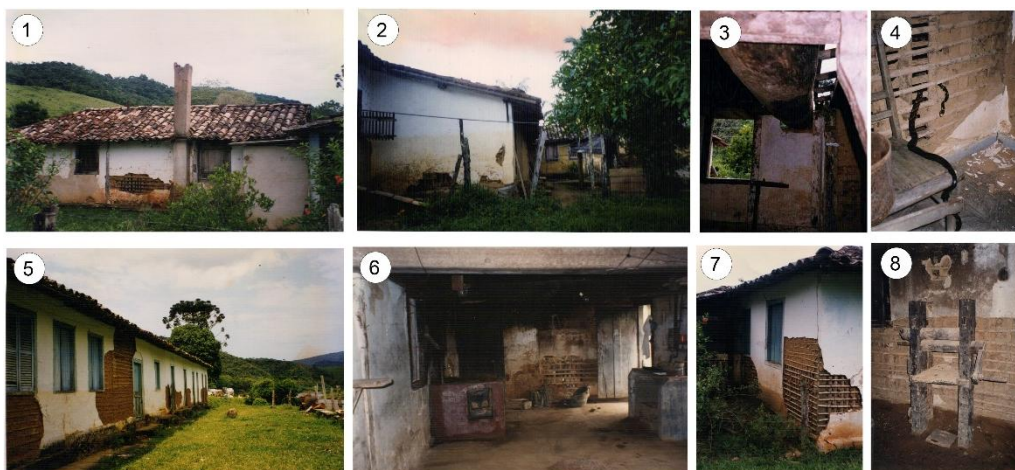
O conhecimento não escrito e não documentado destas comunidades em relação à “feitura de casas de barro” é o que apresentaremos neste trabalho a partir de diversos estudos sobre a fazenda Passagem, uma edificação de uso misto (moradia/comércio), do final do século XIX. Pretendemos que tais estudos possam contribuir para uma compreensão mais aprofundada de aspectos da cultura material da região do Alto e Médio Vale do Ribeira, marcada por técnicas construtivas, usos e costumes, dinâmicas da constituição da paisagem, entre outras manifestações.

2. PAU A PIQUE OU TAIPA DE MÃO - O CASO DA FAZENDA PASSAGEM

A taipa de mão é uma técnica que se caracteriza pela estrutura independente de madeira e vãos preenchidos com barro, o que possibilita uma maior liberdade formal, facilidade para acréscimos e reformas, além de adaptabilidade ao terreno (Vasconcelos, 1979). É a melhor solução para ambientes de topografia acidentada. A grande oferta de madeiras de lei, além de palmeiras, cipós, taquaras, entre outras espécies vegetais, proporcionada pela rica biodiversidade da Mata Atlântica que recobre a região, facilitou o predomínio da técnica, que só depende da habilidade de seus executores e dos recursos da natureza.

Apesar da sede da fazenda Passagem estar localizada em um altiplano seguro em relação às variações das águas do rio Ribeira de Iguape, uma enchente alcançou a sede da propriedade em janeiro de 1997, provocando não apenas danos significativos à sua integridade (Figura 1), como levou à desocupação permanente da propriedade e, posteriormente, a sua comercialização por de Ismael Julio da Silva.

Figura 1: Condição da edificação após a enchente do rio Ribeira de Iguape em 1997.



Legenda: A terra da estrutura de pau a pique foi levada pelas águas da enchente (1,50 m de altura); entretanto, as armações dos paus a pique foram praticamente preservadas, enquanto os porões foram soterrados pelo barro da enchente. (1) Fachada lateral da cozinha; (2) Vista mostra as marcas das águas; (3) Vista interna da cozinha; (4) Parede danificada; (5) Vista frontal; (6) Vista interna da cozinha; (7) Fachada posterior; (8) Engenho de madeira. Fonte: Acervo da fazenda Passagem (1997); fotomontagem desenvolvida pelos autores (2026).

Além dos aspectos construtivos, as diretrizes de restauração da fazenda Passagem incorporaram o inventário das técnicas construtivas, bem como o resgate, a preservação e a manutenção de seus documentos, equipamentos, objetos e mobiliários representativos — um processo de arqueologia.

Em função do predomínio e da repetição sistemática dos mesmos procedimentos construtivos, foi desenvolvido um levantamento técnico-patrimonial para análise da condição físico-material e produção de um inventário das técnicas construtivas adotadas não apenas da sede, como de todo complexo paisagístico que compõe o habitat da propriedade (Figura 2; Tabela 1). A prospecção da edificação demonstrou que não houve modificações significativas nos padrões construtivos.

As intervenções, reformas e acréscimos adotaram os mesmos sistemas construtivos - o pau a pique na construção de paredes; a taipa de pilão nos equipamentos, como fogões, fornos e fornalhas e alvenaria de pedra argamassada com barro e cal em muros de arrimo, estruturas de fundações, lajes de pedra e contrapisos.

Figura 2: Detalhes do sistema construtivo da fazenda Passagem.



Legenda: (1) Esteios, vigas frechais e vigas baldrames; (2) Vigas baldrames apoiadas sobre pilares de pedra, reparar nos encaixes dos paus a pique e dos esteios nas vigas baldrames; (3) Batentes são prolongamentos dos esteios que se fixam e apoiam a viga frechal; (4) Trama de pau a pique; (5) Amarração do pau a pique; (6) Piso em cimento queimado recente na cozinha (o anterior era de terra batida); (7) Estrutura do telhado em caibros inclinados; (8) Sistema de apoio do piso sobre bloco de alvenaria de tijolos argamassados com barro e cal; (9) Blocos de apoio em alvenaria de pedra argamassada com barro e cal; (10) Estrutura de parede com varas de jicara; esteio do vão da porta (baldrame) apoiando a viga frechal.

Fonte: Acervo da fazenda Passagem (1998), fotomontagem desenvolvida pelos autores (2026).

Tabela 1: Síntese do inventário de técnicas construtivas.

ELEMENTOS	CARACTERÍSTICAS
Estrutura da madeira	(a) As vigas baldrames de madeira podem estar apoiadas no solo ou sobre blocos de alvenaria de pedra argamassada com barro, tijolos assentados sobre terra, ou mesmo madeira; (b) Os esteios são usualmente enterrados no solo ou encaixados nas vigas baldrames para o seu travamento; (c) Os esteios apoiam a viga frechal e juntamente com esta formam a estrutura do vão; (d) É previsto encaixe no esteio para as vergas das janelas, ou outros vãos; (e) As vergas das janelas prolongam-se até encontrarem os esteios; (f) Os prolongamentos dos esteios que compõem os batentes das janelas e das portas são fixados na viga baldrame e na viga frechal; (g) Os batentes são prolongamentos de esteios que se travam na viga frechal; (h) As madeiras de “chão”, para os esteios ou baldrames são as chamadas de lei, entre elas, canela preta, araribá e ipê, mais resistentes à água; (i) As madeiras de telhado são mais leves e flexíveis, como as canelas comuns e a peroba, entre outras com as mesmas características; (j) Os caibros e ripas podem ser de troncos de palmeira jicara; (k) O sistema estrutural do telhado é conhecido na região como “caibros inclinados”; (l) A viga frechal é responsável pelo apoio do telhado; (m) O telhado distribui sua carga ao longo desta viga que, por sua vez, distribui esta carga ao longo das paredes.
Paredes	(a) Os paus a pique seguem da viga baldrame até a viga frechal; eventualmente, acontece o prolongamento destas estruturas de pau a pique acima da viga frechal, como nas empenas; (b) As estruturas da parede em gaiola, com madeiras de lei para as vergas, troncos e lascas de palmeira jicara, taquara e uvá, são amarradas com imbirá (casca de árvore), cipó imbê ou timbopeba; (c) O preenchimento dos vãos em terra crua misturada com a cal, areia fina, esterco de cavalo curtido, capim seco, sal, açúcar e óleo, entre outros elementos que facilitam a aderência e resistência.

Pisos	(a) Cozinhas e varanda são em terra batida; (b) O restante da edificação é assoalhado – tábuas de 0,30 m em junta seca de canela preta sobre barrotes ou sobre outras vigas de madeira assentadas em blocos de alvenaria de pedras ou tijolos ou mesmo em vigas de madeira travadas nas vigas baldrame; (c) A estrutura do piso possibilita um porão.
Porão Alto	(a) Com exceção das cozinhas e da varanda, há porão em todos os cômodos da casa; (b) O porão com altura de aproximadamente 0,80 m, possui diversas aberturas para ventilação.
Telhado	(a) A edificação apresenta 2 cozinhas com telhado em 2 águas e a edificação principal com telhado em 4 águas; (b) O encontro de águas do telhado é solucionado com uma calha de madeira talhada no local; (c) O esquema estrutural é de caibros inclinados; (d) O madeiramento é feito em canela preta e vigas de araribá; (e) Os caibros de troncos de palmeira jicara assim como as ripas de jicara lascadas; (f) As telhas são do tipo capa e canal, produzidas na propriedade.
Forro	(a) O forro foi efetuado, apenas, no armazém, nas áreas de receber e na parte privativa familiar; (b) O forro original foi elaborado em tábuas de 0,20 m de madeira no sistema saia e camisa.
Vãos	(a) As portas e janelas são em madeira de lei, variando com 1 ou 2 folhas e possuem ferragens de ferro forjado e fechamento interno de madeira (tramelas) algumas muito elaboradas e eficientes; (b) Na porta de entrada da sala principal, a fechadura é de ferro forjado.
Rodapés	(a) Presente somente nas áreas de receber e na área privativa familiar; (b) Rodapé em tábua de madeira de lei.

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2026).

Observamos o uso de grande quantidade de canela preta na estrutura da edificação, algumas chegam a mais de 0,40 x 0,40 m de espessura, justamente na área que os proprietários afirmam ser a mais antiga da construção. Nas partes de reforma mais recente, as dimensões são menores e a ocorrência da canela preta é mais rara, o mesmo ocorre com os troncos e lascas de palmeira jicara, utilizadas no pau a pique e no ripamento do telhado. A feitura e a amarração da gaiola de pau a pique também são menos elaboradas. O armazém, no extremo oposto à área de convívio familiar é a parte mais recente da casa. As reformas para acréscimos foram realizadas a partir da área privativa da família, conforme a área comercial demandava mais espaço, construíam-se anexos contíguos. Uma intervenção foi realizada no dormitório dos filhos e oficina. A presença de janelas dentro de casa leva-nos a pensar que este espaço era uma varanda que foi, posteriormente, fechada.

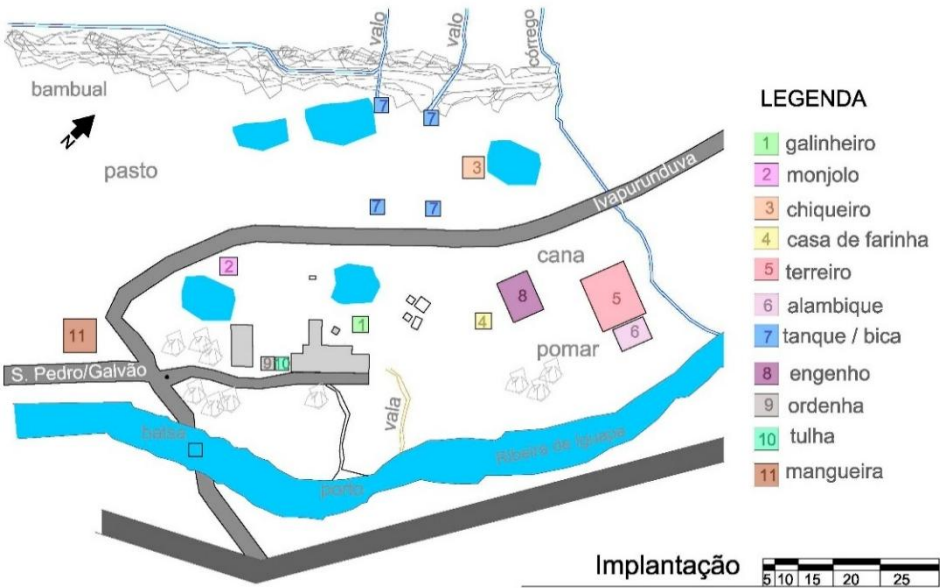
Normalmente, os elementos materiais de uma sociedade possuem maior longevidade que seus elementos imateriais, mais sensíveis aos fatores históricos de variação e evolução, resultando em contradições difíceis de serem superadas. A obsolescência de edificações antigas, concebidas diante de um programa de necessidades superado, costuma determinar o abandono, a mudança de uso ou a sua destruição (Nestlehner, 1981).

Em relação à sede da fazenda Passagem, observamos uma justaposição entre tempo e espaço, uma paridade entre o uso recente e seu programa original. Tal situação se manteve até 1997, o que é uma peculiaridade, pois a obra arquitetônica deixa de ser apenas objeto preservado de uma realidade social pretérita e anacrônica e passa a ser a representação atual da própria estrutura social que lhe manteve forma, uso e função.

A manutenção das técnicas construtivas só poderia resultar da experiência coletiva de sua comunidade, caso contrário, não se manteria no tempo e no espaço. Motivados por

essa suposição, passamos a procurar as relações particulares desta edificação com a paisagem, com os recursos da natureza, com os grupos sociais de seu entorno e com o “mundo” externo aos seus limites territoriais (Figura 3; Tabela 2). A apreensão destas relações foi fundamental para a compreensão do partido arquitetônico adotado, consequência formal que surge como resultado de diversos determinantes, dentre eles os fatores históricos, ambientais e sociais, as técnicas construtivas, os códigos de obras e o programa de necessidades da habitação.

Figura 3: Croqui de implantação da edificação e dos equipamentos.



Legenda: A edificação está implantada à meia altura da paisagem, em um altiplano longe das águas estagnadas. O corpo da casa de maior extensão apresenta-se perpendicular à incidência de correntes de ar prejudiciais. Em ambas as laterais, a uma distância de 60 metros da edificação, observa-se uma barreira de proteção formada por vegetação centenária, composta por arranjos de figueiras, jabuticabeiras e sibipirunas, destinada à proteção contra os ventos do sul e os que sobem do litoral. O solo é seco e apresenta bom escoamento. Na fachada principal, defronte ao porto natural no rio Ribeira de Iguape, existe um aterro nivelado e amparado por um muro de arrimo de alvenaria de pedras e uma escadaria rudimentar de pedras assentadas diretamente no solo, que possibilita acesso à margem do rio e ao porto fluvial. Os porões mantêm o ar circulante.
Fonte: desenvolvido pelos autores (2000).

Tabela 2: Síntese do inventário de equipamentos existentes na fazenda Passagem.

Condição física	Características
Dois tanques d'água (íntegros)	Alvenaria de tijolos e pedra.
Plataforma para ordenha (íntegra)	Laje de pedras.
Galinheiro (estrutura danificada)	Estrutura de madeira e palmeira jiçara coberta de telhas de barro.
Galpão para o Engenho de 150 m² (estrutura danificada)	(a) Estrutura de madeira, coberta com telhas de barro produzidas na própria fazenda; engenho movido a tração animal; (b) A viga para movimentar a roda de tração do engenho possui 8 metros de comprimento; (c) Taipa do forno a lenha para produção de rapadura.
Fábrica de Farinha de 40 m² (vestígios, equipamentos negociados)	(a) Estrutura de madeira coberta com telhas de barro produzidas na própria fazenda; (b) Pau a pique.
Terreiros para secar grão de 300 m² (íntegro)	(a) Uma plataforma de 0,80 m de altura; (b) um terreiro construído em alvenaria de pedras assentadas com barro.

Alambique (só vestígios)	Equipamentos foram negociados.
Valo Sistema de captação e distribuição de água (íntegro)	(a) Um trabalho primoroso que aproveita as curvas de nível do terreno, com cerca de 2 km de extensão; (b) Esse valo recebe as águas que brotam na própria propriedade, desprezando as outras; (c) Estende-se até a propriedade vizinha de Antonio Julio da Silva, irmão do proprietário; (d) Foi escavado na terra.
Monjolo (partes faltantes)	(a) Aproveitando a declividade e a água que sobra dos valos; (b) Construído de madeira de lei.
O chiqueiro (estrutura em colapso)	(a) Bem-posicionado em relação à captação d'água e ao escoamento de águas servidas; (b) Elaborado sobre plataforma de pedras; (c) Pedras escavadas fazem as vezes de bebedouro.
Engenho de arroz (só vestígios)	(a) Aproximadamente a 1.000 m da sede, em uma cachoeira; (b) Construído em pedras assentadas com barro e coberto de telhas; (c) Construído pelo pai do proprietário, José Julio da Silva.

Fonte: desenvolvido pelos autores (2026).

A compreensão do partido arquitetônico da sede da fazenda Passagem possibilitou obter informações sobre a sociedade na qual está inserida. A dinâmica de seus moradores no âmbito do espaço doméstico e suas inter-relações com o espaço público, suas apreensões sobre a paisagem, seus caminhos e relações de vizinhança, são informações que podem ser decodificadas ao se analisar as escolhas formais do partido arquitetônico adotado (Figura 4; Tabela 3).

Figura 4: Levantamento métrico e setorização da edificação.



Fonte: desenvolvido pelos autores (2000).

Tabela 3: Características, setores e usos dos ambientes.

SETOR	Características
Área íntima	Dormitório do casal, sala de jantar, quarto de costura e uma alcova para as filhas. É um espaço fechado, com acesso para uma varanda que possibilita alcançar a cozinha familiar, de dentro, como a nomeiam os proprietários. No canto oposto, foi construído um banheiro diminuto, rudimentar.
Área para receber:	Sala de visitas pequena com apenas algumas cadeiras. Dormitório de hóspedes 1 (visitas ilustres). Ao final de um longo corredor, encontra-se a varanda destinada aos trabalhos domésticos que não poderiam ser realizados fora de casa, receber camaradas e à supervisão dos trabalhos do pátio dos fundos. Na varanda, os camaradas descascavam laranjas para a fabricação de doces que eram comercializados em Iporanga e Eldorado, entre outras localidades.
Área masculina:	Dormitório dos filhos, dormitório dos camaradas e dormitório para pernoite de viajantes, passageiros, tropeiros, vendedores, canoeiros, entre outros.
Área para trabalho interno:	Oficina, tulha e depósitos. Acesso restrito.
Área intermediária:	O armazém era uma área para receber. Acesso restrito, sem comunicação com o interior da casa.
Alcova	Misto de depósito e dormitório.
Área do pátio da frente	Um muro de arrimo de pedras ampara um aterro artificial que forma um pátio. Escadarias/caminho em pedras descem até o porto. Deste pátio, alcançam-se o armazém, no extremo oposto da área íntima, os dormitórios dos camaradas e dos hóspedes 2, os depósitos, a sala e o dormitório de hóspedes 1. Este espaço era aberto ao mundo exterior, embora cercas limitassem a passagem de estranhos pelo pátio. Estrategicamente instaladas, as cercas conduziam os que acessavam a propriedade pelo rio diretamente ao armazém, assim como os visitantes que vinham por terra. A cerca no muro de arrimo impedia a passagem ao pátio.
Área de serviços domésticos	Com duas cozinhas, uma para a família e outra para os serviços mais pesados, ambas voltadas para o pátio dos fundos, que dá acesso para a varanda.
A cozinha familiar, ou de dentro	A cozinha da família é espaçosa, com um fogão a lenha de taipa, chaminé rudimentar, jirau e uma pia sem sifão, quase uma bica. A água servida da pia escorre para uma bacia de pedras e por declividade transpassa a parede de taipa e continua o seu caminho pelo quintal, calçadas de pedras com aberturas por baixo, permitem que a água escoe. Completam a cozinha, painéis e tachos pendurados pelas vigas do telhado, ganchos variados, cabides fixados nos esteios, um guarda louça, um bufete de canela preta, três bancos de madeira, aparador para bule de café e um engenhoso porta tampas de panela. Uma caixa d'água engastada nas vigas do telhado recebe água quente do sistema de serpentinas instalado no fogão a lenha. Canos de ferro pendurados na altura da viga frechal atravessam o telhado e continuam até o banheiro de fora. Esta cozinha era o local de refeição da família e de amigos, camaradas não tinham acesso.
A cozinha de fora	A cozinha de fora não é abastecida com água. Uma fornalha de grande dimensão de taipa e tijolos, com depósito para lenha, um fogão de taipa, um pequeno engenho de madeira para massas de pão, além de um pilão com seis bocas compõem esta cozinha, naturalmente com peneiras e pás penduradas, entre outros equipamentos. Era o local de preparação das refeições dos camaradas, de fazer pães para serem comercializados no armazém e de apurar doces em tachos de cobre. Era uma cozinha mais aberta à circulação de camaradas, que ajudavam a alimentar a fornalha, a carregar lenha e a pilar. A fornalha era diariamente utilizada.
Área do pátio posterior	Um banheiro de alvenaria de tijolos de boa qualidade, fabricados na propriedade com a marca 'IJS' iniciais de (Ismael Julio da Silva), impressas. Antes dos canos de ferro que atualmente servem a propriedade, a captação de água se dava com troncos ocos de embaúba, mais tarde substituídos por bambus amparados por forquilha de madeira fincadas no chão para dar nível. Há um sistema de aquecimento por serpentina para a água do banheiro. As peças do banheiro são de ferro esmaltado, o esgoto corre em manilhas em direção a uma depressão natural do terreno, depois, escorre para o rio Ribeira, antes, dessa solução, uma valeta fazia as vezes de manilhas.

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2026).

O entendimento das relações particulares que a edificação mantinha com a paisagem de seu território, com os recursos da natureza, com os grupos sociais de seu entorno e com o mundo externo aos seus limites territoriais foi fundamental para a compreensão do resultado do partido adotado. Tais valores se manifestam material e subjetivamente,

especialmente ao considerarmos que o isolamento da região é capaz de diferenciá-la de outras regiões do Estado. Essa particularidade da região, determina a importância desta edificação e lhe confere identidade própria, como uma manifestação específica e espontânea do seu meio.

3. RESTAURAÇÃO: PREZANDO O PAU A PIQUE

O projeto de restauração incorporou a requalificação da edificação para os novos usos e novos usuários, ou seja, a sua adequação para o novo programa de necessidades, considerando o uso como moradia, pousada e museu rural (Figura 5).

Figura 5: Planta atual da edificação com novos programas de necessidade.



Fonte: pelos autores (2000).

O ponto de partida foi a promoção de mínimas intervenções espaciais, a manutenção dos materiais existentes, a clara distinção de novas tecnologias e métodos construtivos aplicados, além da manutenção e reconstituição por meio das técnicas construtivas presentes na edificação.

A parceria entre o conhecimento vernáculo e específico da população local e o conhecimento universal e contemporâneo do técnico foi fundamental para a conclusão bem-sucedida da restauração, que tinha como premissa respeitar a realidade material e técnica da obra (Figura 6). Quase nada foi adquirido de fora. O modo de fazer foi orientado pelos mestres taipeiros locais sob supervisão técnica. A parceria deu certo, em oito meses a obra foi finalizada.

Figura 6: Processo de restauração e requalificação da edificação em 1998.



Legenda: (1) Tratamento dos esteios e vigas baldrame; (2) Vista lateral mostrando a retirada de terra e areia depositada pela enchente e o reparo do sistema estrutural; (3) e (4) Preparo do encaixe das vigas com machado e facão; (5) Amarração da gaiola do pau a pique; (6) Preparo da massa (terra peneirada, areia fina, açúcar, água e cal) para o fechamento dos vãos; (7) Massa com areia muito fina e “barrenta” do rio, terra e cal para o reboco das paredes; (8) Acabamento do revestimento das paredes; (9) Imagem das paredes reconstituídas; (10) Foto panorâmica da edificação após a restauração; (11) Fachada posterior com engenho e galinheiros restaurados; (12) Fachada frontal. Fonte: Acervo da fazenda Passagem (1998); fotomontagem pelos autores (2026).

11

A feitura da casa foi fundamental para um melhor conhecimento das técnicas construtivas locais, assim como para rememorar e celebrar esse conhecimento vernáculo que pouco a pouco está se perdendo na região do Vale do Ribeira. O que antes era a norma, hoje é a exceção diante da predominância e da supervalorização dos materiais construtivos industrializados.

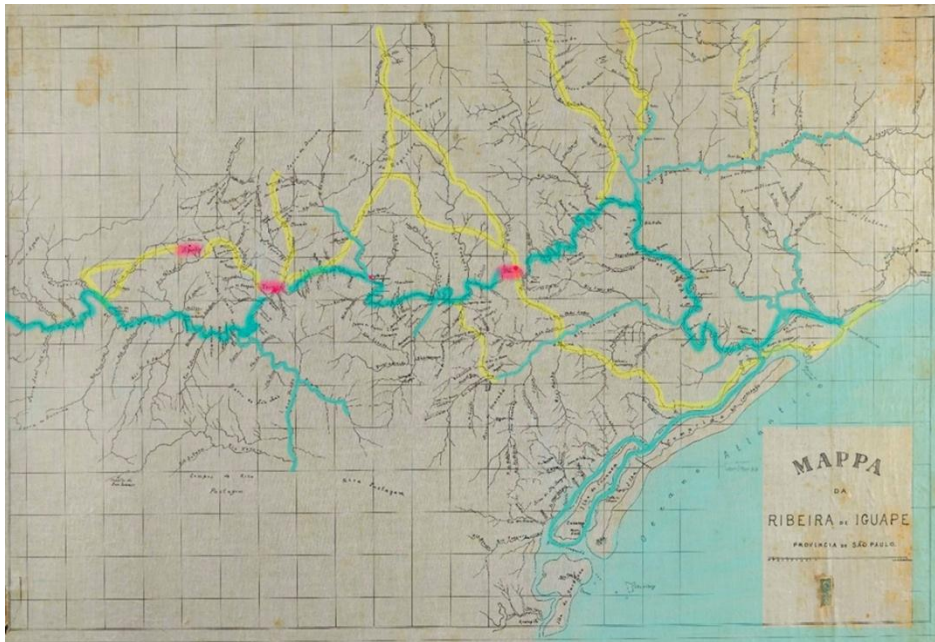
4. CANOAS E CANGALHAS: DINÂMICA DA FORMAÇÃO TERRITORIAL

Os objetos e documentos da fazenda Passagem são relevantes testemunhos da organização social e das dinâmicas comerciais que se instalaram ao longo do rio Ribeira de Iguape durante o ciclo econômico do comércio de tropas nos séculos XVIII e XIX.

O Vale do Ribeira é conhecido por ser porta de entrada de exploradores europeus em busca de metais preciosos (Young, 1900; Reis, 2013). A facilidade de navegação e o uso de trilhas indígenas estabeleceram rotas comerciais, conectando o litoral e os planaltos de Paranapiacaba, Paranapanema e os Campos Gerais Paranaenses (Figura 7). O intenso fluxo de pessoas e mercadorias pelo rio Ribeira de Iguape favoreceu o povoamento de suas margens e barras de rios, importantes pontos de referência territorial (Almeida, 2023). Algumas barras, devido às suas qualidades geomorfológicas, proporcionavam local de parada e pouso e eram importantes locais de confluência de

trilhas indígenas que seriam aproveitadas por europeus em sua saga exploratória. Os tropeiros venciam as escarpas do planalto até os portos fluviais do rio Ribeira e a partir daí, alcançavam o porto marítimo de Iguape. Entre Iporanga e Eldorado, a barra do ribeirão Iporanga e a barra do ribeirão Pilões são localizações excepcionalmente estratégicas e se tornaram importantes entrepostos comerciais (CONDEPHAAT, 1971).

Figura 7: Rede de caminhos fluviais e terrestres do Vale do Ribeira reproduzida no século XIX.



Legenda: Fotomontagem evidenciando a localização dos caminhos terrestres (amarelo) e fluviais (azul), assim como as cidades de Iporanga, Apiahy, Barra dos Pilões e Xiririca (vermelho). Carta disponibilizada pelo Arquivo Nacional, autor desconhecido (entre 1821 e 1889).

Fonte: Almeida (2023, p. 72).

A barra dos Pilões foi referência comercial, passagem e parada de viajantes provenientes do planalto e do litoral desde que José Julio da Silva, capitão da Guarda Nacional se instalou na região na metade do século XIX. Com sua morte a propriedade foi desmembrada entre os herdeiros, cabendo a Ismael Julio da Silva, a fazenda Passagem¹. Ismael Julio da Silva promoveu a fazenda Passagem a um importante entreposto comercial, negociava mercadorias de procedências variadas, além das próprias produções agropecuárias: arroz, mandioca, milho, feijão, café, cana-de-açúcar, além da criação de animais e outras atividades. Ele fabricava em quantidade significativa aguardente, rapadura, doce de laranja e farinha de mandioca, que comercializava em seu armazém e em outras praças comerciais. Ismael Julio da Silva também era concessionário da Estrada de Ferro Sorocabana, realizava o transporte de passageiros e de mercadorias sob encomenda e fornecia pouso e refeição para os viajantes, como atestam seus borradores, livros informais de registro comercial (Figura 8).

¹ A primeira escritura é de 1905 consta como herança de Maria Geraldina Pupo (falecida em 1890) em comum com Maria Julia da Silva.

Figura 8: Sequência de imagens históricas de Ismael Julio da Silva e família na fazenda Passagem.

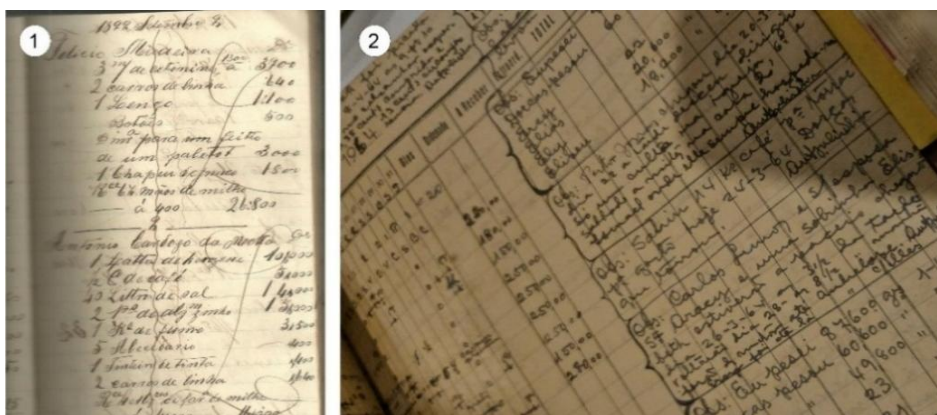


Legenda: (1) Ismael Julio da Silva em uma de suas canoas com filhos (entre 1960 e 1970); (2) Baldeação de mueros no rio Ribeira [s.d.]; (3) Fotografia em família e agregados (1926), Ismael Julio da Silva é o terceiro da direita para a esquerda.

Fonte: Acervo da família de Ismael Julio da Silva, fotomontagem pelos autores (2026).

Os borradores dos armazéns testemunham as relações com uma grande rede de contatos, casas comerciais de Iporanga, Apiaí, Barra do Turvo, Faxina, Barra do Batatal, Xiririca, Iguape, Paranapanema, Guapiara, Capão Bonito, Sorocaba, Juquiá, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. Os proprietários tinham o costume de anotar todos os acontecimentos particulares e públicos, não somente da localidade da barra do Pilões, como das comunidades do entorno. Os borradores eram praticamente um diário da vida cotidiana (Figura 9).

Figura 9: Registro em borradores de comerciantes da Barra dos Pilões.



Legenda: (1) Registro digitalizado do Borrador nº 24, pertencente ao Capitão José Julio da Silva, datado de 1890 a 1896. (2) Registro digitalizado do Borrador s/nº de Antonio Julio da Silva, datado de 1947 a 1969 - Antonio Julio anotava em seu borrador todos os eventos públicos e privados, observamos o registro a visita do arquiteto Carlos Cerqueira Lemos na casa de Antonio Julio da Silva em 1964, fato que ocorreu durante suas expedições e levantamentos de campo no Vale do Ribeira que resultou na publicação - A capela de Ivaporunduva, Iporanga, São Paulo, 1965, Publicações do Patrimônio Histórico (Lemos, 1965; 1999).

Fonte: acervo da fazenda Passagem; fotomontagem pelos autores (2026).

O local também estava articulado com diversos caminhos do sertão e, principalmente, com os bairros de Pilões, Maria Rosa, Inveja e Feital e com as comunidades e sítios que se localizavam nas rotas de tropas em direção ao planalto de Paranapanema. As populações das comunidades do entorno, pequenos lavradores autônomos de Ivaporunduva, São Pedro, Lavrinha, Castelhana, André Lopes, Nhunguara, Galvão e Sapatu, Pilões, Maria Rosa, mantiveram relações estreitas com a propriedade para a realização de trocas comerciais (Figura 10) e de eventuais ofertas de trabalho. Este cenário se manteve, independentemente dos ciclos econômicos importantes, até a construção da estrada que liga Eldorado a Iporanga em 1968, que rompe a hegemonia

do rio como único meio de transporte. Entretanto, as atividades comerciais e produtivas na fazenda Passagem persistiram, em menor escala, até a metade da década de 1990.

Figura 10: Imagens da antiga venda da fazenda Passagem.



Legenda: Parte dos objetos, mobiliário, equipamentos e fragmentos encontrados ao longo do processo de restauro. Estes objetos contribuíram para a compreensão das atividades agrícolas, manufatureiras e das trocas comerciais que ocorriam no lugar. (1) Imagem interna do armazém; (2) Equipamentos para produção de farinha e comercialização de suínos; (3) Parte de fábrica de farinha; (4) Parte do engenho; (5); (6) Cangalhas; (7) Assento retrátil para viagens fluviais; (8) Catre; (9) Cordão de Timbopeba; (10) Detalhe de caixa de produtos comercializados. Fonte: Acervo da fazenda Passagem, fotomontagem pelos autores (2026).

5. COMENTÁRIOS FINAIS

14

A história contemporânea propicia inúmeros argumentos favoráveis ao resgate de técnicas construtivas ancestrais. Os inegáveis desequilíbrios ambientais impulsionam o interesse por soluções construtivas que favoreçam a sustentabilidade dos ecossistemas naturais e urbanos. A terra crua foi sobrepujada no último século em função da evolução tecnológica, que facilitou e padronizou, por meio da industrialização, as práticas construtivas. Entretanto, observamos um crescente interesse global pelo uso deste material como uma alternativa ambientalmente sustentável.

A fazenda Passagem é um importante exemplar que salvaguarda valores da cultura material do Vale do Ribeira, uma região cuja tradição do uso da terra crua na construção persistiu por mais tempo devido ao isolamento, ocasionado pela falta de acessos e comunicação, entre outros fatores que incentivaram a autossuficiência e a manutenção de fazeres ancestrais em sua sociedade. De qualquer maneira, a preservação só foi possível devido ao empenho de seus proprietários na manutenção da edificação. Pudemos observar ao longo do processo de restauração que as intervenções que ocorreram na edificação foram realizadas com esmero e por meio da repetição de materiais e técnicas construtivas ancestrais, adquiridas na experiência do vivido desta sociedade.

O arrolamento das técnicas construtivas foi pautado no respeito aos elementos materiais e imateriais desta comunidade — a memória coletiva, usos e costumes, o fazer

pela prática — possibilitando o resgate de conhecimentos vernáculos e a redescoberta de técnicas de construção em terra crua. O inventário de objetos, livros informais de registro comercial (borradores), diários e documentos pessoais desvelaram a importância da propriedade nas dinâmicas territoriais, culturais, econômicas e sociais. O caso da fazenda Passagem não é relevante apenas para a salvaguarda da memória e valorização da cultura do lugar, também, contribui para o desenvolvimento de tecnologias construtivas ambientalmente sustentáveis, capazes de resistir ao tempo com qualidade e conforto ambiental, ao apresentar técnicas e materiais sustentáveis passíveis de criar soluções que aliem a tecnológica de nossos dias ao conhecimento e experiência vernácula local.

6. AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

7. OBRAS CITADAS

ALMEIDA, Arlete. N. C. D. **Memórias da Paisagem: cotidiano e espacialidade dos comerciantes de tropas do Rio Ribeira de Iguape por meio da recuperação toponímica.** FFLCH USP. [S.l.]. 2023.

BRUNO, Ernani. S. **O equipamento da casa bandeirista segundo os antigos inventários e testamentos.** São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1977.

CONDEPHAAT. Tombamento do Centro Urbano da Cidade de Iporanga. **Patrimônio imaterial do Estado de São Paulo**, 1971.

LEMOS, Carlos. A. C. **A Capela de Ivaporunduva.** [S.l.]. 1965.

LEMOS, Carlos. A. C. A Casa Bandeirista nos Inventários do Segundo Século. **Acrópole**, São Paulo, n. 228, p 438-442, 1972.

LEMOS, Carlos. A. C. **Casa Paulista: histórias das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café.** São Paulo: EDUSP, 1999.

NESTLEHNER, Arlete. **Casa Urbana em Iporanga.** São Paulo: FAU-USP, 1981.

REIS, Nestour. G. **As Minas de Ouro e a formação das Capitâneas do Sul.** 1. ed. São Paulo: via das artes, 2013.

VASCONCELOS, Sylvio. D. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos.** Belo Horizonte: UFMG, 1979.

YOUNG, Ernesto. G. **Revista Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.** [S.l.]: São Paulo Typographia do diário oficial, v. VI, 1900.